



Senado Federal

SENADOR FERNANDO COLLOR

SE QUERES A PAZ, PREPARA-TE PARA A DEMOCRACIA





SENADO FEDERAL
SENADOR **FERNANDO COLLOR**

SE QUERES A PAZ, PREPARA-TE
PARA A DEMOCRACIA

BRASÍLIA – 2009

Collor, Fernando.

Se quieres a paz, prepara-te para a democracia / Fernando Collor. -- Brasília : Senado Federal, 2009.

8 p.

1. Discurso parlamentar. 2. Democracia. I. Título.

CDD 320.981

APRESENTAÇÃO

O presente discurso foi proferido no plenário do Senado Federal, em 15 de setembro de 2009, por ocasião da Sessão Solene em homenagem ao Dia Internacional da Democracia, instituído pela Organização das Nações Unidas (ONU) e que, este ano, teve sua segunda versão de comemorações reconhecida.

Neste pronunciamento, procuro realçar e demonstrar a importância do regime democrático na condução e na conformação política de todo e qualquer Estado, notadamente como elemento e prerrogativa indispensáveis para garantir não só a cidadania dos povos, mas, principalmente, a paz mundial.

Este é o sentido de mostrar que a velha máxima latina, “*se vis pacem, parabellum*” (se queres a paz, prepara-te para a guerra) terá de ser substituída por outra: “Se queres a paz, prepara-te para a democracia”.

FERNANDO COLLOR

Senador

O SR. FERNANDO COLLOR (PTB – AL) – Sr. Presidente, Sr^{as} e Srs. Senadores, há uma indagação que certamente precede a decisão de, pela primeira vez, por iniciativa do Senador Efraim Morais, presidente do Grupo Brasileiro da União Interparlamentar, comemorarmos no Brasil o Dia Internacional da Democracia. Esse questionamento está embasado em procedentes e fundadas razões. A democracia é um valor, uma prática e uma realidade a que todos aspiramos, independentemente de nossas ideologias, de nossas crenças e de nossos valores.

Os valores cultuados por todas as democracias, Sr. Presidente, incluem a paz, a prosperidade, a justiça e a igualdade. Mas, lamentavelmente, a paz perpétua entre as nações é um ideal, uma aspiração e um desejo longamente buscado, permanentemente desejado e jamais alcançado. A guerra, os conflitos e o uso de meios cada vez mais destrutivos tornaram-se, infelizmente, a marca da civilização humana em seus 65 séculos de existência.

Quando entramos no século que estamos vivendo, constatou-se que o ano de 1999 se encerrou com 65 países envolvidos em conflitos. Esse número é quase o dobro dos existentes pouco antes do fim da Guerra Fria, e cinco a mais do que em 1998. Isso significou, Sr^{as} e Srs. Senadores, que 1/3 das 193 nações do mundo entraram no século XXI afetados por guerras, revoltas, insurreições ou outros tipos de violência.

Não foi sem razões que o historiador Eric Hobsbawm, no livro dedicado ao século XX deu-lhe o título de *A Era dos Extremos* e o subtítulo de *O breve século XX, 1917-1989*. As datas limites indicam exatamente a vitória e a ascensão do comunismo na antiga Rússia e o fim desse regime, que teve início com a queda do muro de Berlim, seu maior símbolo,

e se consumou com a desagregação da União Soviética em 1991. Os extremos a que o historiador se refere são exatamente as duas forças ideológicas em confronto no século passado: a extrema esquerda e a extrema direita. Aquela representada pela figura de Josef Stálin, e esta pelas não menos sinistras de Adolf Hitler, expoente do nazismo, e Benito Mussolini, fundador e líder do movimento fascista.

O século XX não foi apenas o mais breve dos séculos, como o qualificou o historiador. Foi, também, o mais violento e o mais mortal, em razão dos conflitos armados, representados por duas guerras mundiais separadas por 25 anos de uma paz incerta e precária. A primeira, que se denominou em seu início a última das guerras, foi na realidade apenas o prenúncio da Segunda. Custou 19 milhões de vítimas, dez milhões deles civis e nove milhões militares. A devastação da Segunda foi mais aterradora: 72 milhões de mortos, sendo 46 milhões civis e 26 milhões militares.

Interesses políticos, econômicos, materiais e ideológicos terminam provocando conflitos que sabemos como têm início e nunca podemos saber quando e como terminam. O preço em vidas, em danos materiais e misérias morais é inestimável e, seguramente, nos fazem duvidar se somos partes de um mundo civilizado em que a solução pacífica dos conflitos possa um dia superar as guerras, as insurreições, as rebeliões, as revoltas e as revoluções. A invenção dos meios de destruição em massa, como o uso da fissão nuclear, utilizada pela primeira vez para pôr fim ao último reduto do conflito em 1945, torna a paz que vivemos cada vez mais incerta, cada vez mais insegura e cada vez mais precária.

Tudo isso talvez explique, Sr. Presidente, que não será no século XXI que viveremos mais seguros, mais tranquilos e sob menos riscos, pelo que se pode deduzir do fato de termos entrado neste século em condições de maior incerteza do que aquele em que entramos no que o precedeu.

A guerra é o fracasso ou a falência da paz. Será a democracia o caminho que pode cimentar a paz? Será a democracia o instrumento para a solução pacífica dos conflitos humanos que fomentam a destruição e a guerra? Se exa-

minarmos as circunstâncias, as causas, os estímulos e as consequências dos conflitos armados, vamos verificar que eles envolvem tanto as democracias quanto as mais diversas formas de autocracia, a começar pelas ditaduras. Isso pode nos fazer supor que não há relação de causa e efeito entre as guerras e os sistemas políticos dos países nelas envolvidos.

Mas esta é, Sr. Presidente, exatamente a razão por que o único antídoto para a guerra não é apenas a paz. É, também, e sobretudo, a democracia. E a razão dessa lógica está na História. Nunca, na era contemporânea, uma democracia declarou guerra ou atacou outra democracia. Os regimes democráticos, Sr^{as} e Srs. Senadores, são o melhor antídoto, a melhor prevenção e a única precaução eficiente para evitarmos as guerras. Não por outro motivo, o político grego Sólon, há mais de 2.500 anos, já vaticinava que a igualdade não gera guerras. Isto justifica que estejamos aqui a celebrar a paz entre as nações, a comemorar os avanços das democracias no mundo e a procurar mostrar que a velha máxima latina, *se vis pacem, parabellum* (se queres a paz, prepara-te para a guerra) terá de ser substituída no dia em que a racionalidade preponderar no mundo, por outra: "Se queres a paz, prepara-te para a democracia".

Senhor Presidente, Senhoras e Senhores Senadores, acaba de ser publicada no Brasil uma das obras de Norberto Bobbio, o genial mestre do Direito e da Política que a Itália legou ao mundo. Recebeu o título de *O Terceiro Ausente*. Nela se pode ler que, sempre que indagado sobre as questões fundamentais da atualidade, o notável pensador respondia que eram dois os nossos desafios: a proteção dos direitos humanos e as ameaças à paz. E por isso ele insistia, como faz nesse trabalho, na busca de um projeto de democratização do sistema internacional que estabelecesse um poder livre de despotismos para solucionar os conflitos sem o uso da força. Em outras palavras, só teremos paz no dia em que banirmos as guerras. Mas só baniremos as guerras no dia em que vivermos num mundo não somente globalizado, mas democratizado, ou seja, naquele em que a democracia tenha triunfado em todos os continentes.

Estamos, sem dúvida, longe desse ideal, mas isto não nos desobriga de lutarmos por ele. E uma das formas pacíficas de ajudarmos à materialização desse ideal é fazer o que hoje estamos fazendo: celebrarmos a democracia como o ideal de todo o nosso universo.

Era o que tinha a dizer, Senhor Presidente, Senhoras e Senhores Senadores.

Muito obrigado.

